



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Diário de Mídia: retrato, autorretrato e status

Media Diary: portrait, self-portrait and status

Fernando Luiz Nobre Cavalcante^a

^a Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil - fernando.cavalcante@uni7.edu.br

Palavras-chave:

Diário de campo visual. Etnografia da mídia. Análise de WhatsApp. Fotografia digital. Memória.

Keywords:

Visual field diary. Media ethnography. WhatsApp research. Digital photography. Memory.

Resumo: Proposta metodológica centrada em acervos imagéticos processualmente conduzidos por um diário de mídia. Revisa a utilização de imagens como técnica de retrato e autorretrato em uma suposta etnografia da mídia. Sugere, assim, que pela memória das experiências tecidas em dispositivos midiáticos, imagens fotográficas, imagens das imagens e imagens gráficas figurem dados qualitativos. Interações iniciadas via funcionalidades imagéticas do WhatsApp são o recorte empírico para aplicação dos diários de mídia. Averigua mensagens hiper instantâneas trocadas pela funcionalidade técnica *status* durante o carnaval brasileiro. A resistência política e a alegria carnavalesca tematizam estratégias de atração imagética de cenas políticas representacionais. A funcionalidade técnica analisada no diário de mídia reflete o *momentum* capturador das mimeses de atenção de um simulador jogo face a face midiaticizado. Abre reflexões sobre estudos de antropologia da mídia centrada na utilização de imagens e desenhos digitais.

Abstract: Methodological proposal centered on imagery collections processually conducted by a media diary. Reviews the use of images as a portrait and self-portrait technique in a supposed media ethnography. It suggests, thus, that through the memory of experiences constructed in media devices, photographic images, images of images and graphical images figure qualitative data. Interactions initiated via WhatsApp imaged features are the cutout empirical for the application of media diaries. Investigates deep mediated instant messages exchanged for technical functionality of "status" along carnival Brazilian. Political resistance and carnival joy are the subject of strategies of imaged attraction of representative political scenes. The technical functionality analyzed in the media diary reflects the capturing momentum of the attention of a mediated face-to-face game simulator.



Introdução

Polos acadêmicos brasileiros enquadráveis pela cibercultura foram bem anunciados quando a comunicação da vida cotidiana ainda não figurava à velocidade imagética das mensagens instantâneas (CORREA, 2006). O domínio de aplicações móveis como o *WhatsApp* não apenas tematiza a feitura da realidade midiaticizada na centralidade de sua forma, *ipso facto* de sua forma tematiza o instante. Lá, o retrato de uma fotografia, ao nada material está sujeito, ao todo figuracional ancora-se. Aqui, reporta-se caminhos para investigação com imagens, especialmente, ao intento de enquadramento temático da cena científica a ser retratada quando os instrumentos de coleta de dados não acompanham a rapidez das trocas simbólicas. Propõe-se, pelo Diário da Mídia, reaver a memória do fato científico viabilizado pela técnica de autorretrato das imagens técnicas no bojo das experiências (*status*) dos sujeitos.

Status é tratado como uma funcionalidade que as fotografias móveis convertem ao gosto da política de arranque dos impérios da comunicação: o encontro do espaço publicitário ideal. Por evidenciar o tom à forma do *medium*, assim também é traduzido como “experiência”, “status-experiência”, âncora para literalidade das representações pela imagem. Uma imagem pode ser projetada sem matéria. Tal qual o disse-me-disse, o trejeito para posição de fofoca, o nada (*print*) da imagem somada à funcionalidade da difusão do tempo, como agência do ator. O nada do *print* é matéria de um todo anterior ao qual uma posição de corpo se projetou por seu movimento de ser imagem. Atentar para o movimento da imagem (da imagem) técnica parece tão urgente quanto a sublimação e dissimulação da representação da imagem digital (BRAGA, 2016). Este artigo não se interessa pela relação entre objeto e imagem, mas pelas formas que a imagem adquire em seu movimento de retratação ao tema a ser dirigido em uma conversação. Na convergência figurativa entre corpo e imagem, se o corpo por sua imagem projetada é a latência para o “movimento da imagem” como artefato para abrolhar a fixação e a observação desta como *medium* e símbolo (BRAGA, 2019), defende-se, então, que se depure um estádio de figuração mais forjável, centrada, agora, nos dispositivos de comunicação por mensagens instantâneas: imagens como ancoragens de interação. Como a etnografia pode apurar o movimento da imagem da imagem marcadoras de uma conversação midiaticizada? Como do tema se apreende pela relevância do formato imagético da interação?

Posicionamento, olhadeiras, gestos, enunciados verbais inerentes à comunicação face a face (GOFFMAN, 2005) materializam-se em latências imagéticas nas interações em grupos mediados via mídias das funcionalidades técnicas dos *media* (CAVALCANTE, 2019). Crer nos argumentos de fluidez e hibridez das conversações do *WhatsApp* parece acalorar o debate sobre o prisma contedutístico da mídia pelo caráter hipertextual (PRIMO *et al.*, 2017) não abarcando os estádios de mediação profunda (COULDRY; HEPP, 2018, 2020) no *corpora* figurativo que as imagens técnicas se pronunciam aos aplicativos de mensagens instantâneas. Sugerir uma centralidade nas supostas “oportunidades” e “limitações” de entrelaces entre agentes humanos e não humanos no espaço dos fluxos (desiguais) de globalização do ambiente polimidiático (MADIANOU, 2014) é viável. Não pronunciar os enquadramentos temáticos (*frames of relevance*), no entanto, carece de complementos haja vista as configurações da dadificação de tudo (BUZATO, 2018a; HEPP, 2019; ROMELE, 2020). As figurações imagéticas de representação do eu que ocorrem em grupos mediados do *WhatsApp*, melhor definido do que fluídos, constituem o alcance representacional no interior de sua ritualidade e vulnerabilidade - em especial, na produção de sentido que as novas tecnologias fotográficas venham a adquirir em interações de polissemia da imagem (ALVES *et al.*, 2017) em suas variações narrativas (GUERREIRO; SOARES, 2016) em face da mutabilidade do fenômeno do processamento artificial da linguagem como suporte da materialidade digital (DE SOUZA, 2009).

Este artigo intenta uma amplitude sob a forma. Apela metodologias que abarquem o caráter subjetivo que as fotografias digitais em uma interação em grupo mediado venham a assumir. Na alusão de que o carnaval brasileiro é o espaço de reinvenção dos corpos (PARKER, 1989), também uma rede de resistência simbólica (TOSTA, 2010), percorre uma comparação entre o imaginário dos corpos físicos e mediados, tomando o carnaval de rua do Brasil (bloco de rua). A premissa de que a vida contemporânea é permeada por um estádio de profunda mediação e entrelaces transmidiáticos comunicativos, melhor cortada teoricamente por Nick Couldry, Andreas Hepp e a equipe de pesquisa da *Zentrum für Medien-, Kommunikations- und Informationsforschung* (ZeMKI), apresenta-se um olhar sobre as questões sobre os traços digitais no processo de interação em diferentes mídias por uma abordagem figuracional centrada nas recentes forjaduras imagéticas. Estimula-se o delinear da mediação aos enquadramentos temáticos dos quadros de relevância, vislumbrando um repensar do Diário como captura

dos retratos e autorretratos que as funcionalidades técnicas venham a assumir - especialmente, na configuração dos meios, das imagens e das etnografias.

Retrato: diário de mídia e latências empíricas

A fotografia em preto e branco da expedição de Haddon, Rivers, Ray, Seligman, Wilkin, datada em 1898, no Estreito de Torres, pontuava o Pacífico Sul nos centros das pesquisas antropológicas utilizando a fotografia como registro do fato científico. De Torres às Ilhas Trobiand, em 1920, Malinowsky inspirava a Serra do Norte de Lévi-Strauss em 1938 (BARBOSA *et al.*, 2016); dava-se o tom brasileiro. É verdade que etnografia já vem alargando a *corpora* pelo uso de imagens fílmicas e fotográficas relidas ao hipertexto (DA ROCHA; ECKERT, 2016; FERRAZ, 2016). Estear a imagem percebida em relação à imagem imaginada (ROCHA, 2015) motiva esta seção a compreender a fotografia como recurso de registro, movimento e enquadramento da pesquisa, ainda mais ao percebê-la como técnica em serviço da “verdade etnográfica” (EDWARDS, 2016).

Esta seção dá destaque às configurações que a fotografia móvel encara à velocidade das inovações nos sistemas de comunicação por mensagens instantâneas à compreensão do estudo de *framing*. Evidencia que os quadros de interação estimulados por retratos do *momentum* de pungência a experiência dos sujeitos de pesquisa, retratos da realidade conduzida num processo de interação que se mobiliza pelo ato de registrar o relevante tema por fotografia móvel. O confronto da utilização da fotografia pelo pesquisador ao interlocutor como estratégia de interpretação da realidade (BARBOSA, 2016) também estimula a metodologia do Diário de Mídia como ato de registro primordialmente conduzido pelo resgate à memória fotográfica.

Para isso, recortam-se as considerações da rede de investigadores do centro de pesquisa alemão ZeMKI que aglutina no termo **mediatização profunda**/ hipermediatização (*deep mediatization*) uma chamada unívoca para um foco centrado na mídia pela abordagem figuracional. Passa-se a enxergar que o estágio de “dadificação de tudo” (BUZATO, 2018b), de emaranhamento tecnológico, adquiriu o enfoque cultural nas relações e entrelaces dos sujeitos e os dispositivos midiáticos (HEPP, 2019). Ao sair da relação dialética entre institucionalidade e sociodiscursividade da mídia, marca dos estudos de mediatização de outrora, deixa-se de lado o *quanti* e o *quali*, para uma visão sincrônica e diacrônica processual e representacional centrada na constelação de atores por seus

repertórios midiáticos (HEPP; HASEBRINK, 2014). Diante da dependência social dos serviços de armazenamento e processamento de dados em uma infraestrutura técnica emaranhada, também exige uma reunião sociodiscursiva e institucional, quali e quanti, necessária: os enquadramentos temáticos (*frames of relevance*) (COULDRY; HEPP, 2018; CAVALCANTE, 2019). Trazer o debate de como os Diários de Mídia, centrados no registro de imagem, podem aludir a tema relevante para pesquisa, é o desafio empírico deste ensaio.

A imagem, dentro de um dispositivo midiático, adquire o primeiro formato de registro da informação. Estática, representa a mensuração do tempo em médias de escala (ENTLER, 2007). Em movimento, a fricção entre espectador tangenciado na forma da espacialidade (TERRAZA; TRAVASSOS, 2018). As imagens na funcionalidade estática e em movimento que a firma informacional *WhatsApp* sugere no atributo de interação *Status* são representações que ancoram os processos de interação. São registros da memória perdidos no tempo e encontrados na espacialidade da mídia que interage e simula o olhar nos olhos do corpo presente. Considera-se neste escrito que, mesmo tendo tomado como grande fonte empírica elementos da comunicação face a face contidas em anedotas extraídas de jornais estadunidenses de grande circulação, livros populares e biografias, estórias em quadrinhos, roteiros de peças teatrais e variados materiais de críticas literárias, bem como as conversas de esquina, Erving Goffman abriu um leque teórico-metodológico aos estudos da midiatização. Não se compreende que a transformação tecnológica exclua as transformações da ordem de “literalidade”, empreendidas pelo autor. É importante, no entanto, mencionar que as próprias fontes empíricas utilizadas na obra original foram alvo de críticas e, dentro de uma interpretação estruturalista, considerada estando no limite da vida cotidiana da maioria das pessoas (DENZIN; KELLER, 1981).

As fronteiras entre as formatos de organização do “mundo” das experiências cotidianas e o “mundo dos sonhos”, empreendidas por James e Schutz, na visão de Goffman (2012a, p. 28), mesmo tendo sido fundamentais para distinguir seus variados domínios de realidade, foram carentes quanto ao plano metodológico de debruçar-se sobre regras constitutivas da atividade cotidiana. As atividades servem de modelo para as transformações que Goffman enxerga nas ideias sobre “literalidade”. A compreensão acerca desse conceito, com suporte nos quadros de análise, põe em contexto a ideia de

transformações como um processo em que uma atividade cotidiana é associada a um modelo primário de quadros, permutados em “cópias” submetidas à modalização e às remodelações. Em um esquema primário, Goffman exemplifica que determinados enquadramentos sociais, oriundos de cenas cotidianas de surpresas, proezas, trapalhadas, casualidades e brincadeiras, transformam-se ao toque do encontro interacional, ou seja, “literalizam-se”, figurando cópias de realidade pela manutenção de quadros de interação transformados: cópias da realidade. Estas cenas cotidianas convertem-se em algo significativo do que outrora seria sem significação. Especialmente, em um grupo midiático, pelas funcionalidades técnicas disponibilizadas, estas transformações podem se intensificar (CAVALCANTE; HANKE, 2020).

A análise dos quadros, na proposta goffmaniana, emprega procedimentos capazes de, pela prática da observação, diagnosticar dimensões identificáveis para qualquer atividade ou episódio de interação. Na comunicação face a face, conforme exemplificado por Goffman (2012a; 2012b) em inúmeros exemplos de representações teatrais ou por jogos sociais cotidianos em espaços públicos, a presença corporal é fundamental no mapeamento dos quadros. Como o próprio autor sugere, entretanto, essa necessidade não é suficiente para caracterizar a complexidade das interações humanas. Sem os corpos e com a noção de espaço-tempo sobradamente dilatados por dispositivos técnicos, o desafio em materializar os vetores analíticos de diagnósticos dos quadros das interações de membros de um grupo de *WhatsApp* é lançado.

A corporeidade, em grupos midiáticos, assume outras configurações, dentro da condução de funcionalidades técnicas permissíveis à compleição de uma rede simbólica disposta. As imagens estáticas e em movimento, na função do **incontido alarde** na interação, de *status* cotidiano, são retratos destes corpos, são memórias recortáveis pelo quadro da “caixa preta”. A noção de espaço-tempo configura-se em outras dinâmicas, que dissolvem ou aglutinam o *estar em* a um tempo presente, passado ou futuro. Esses paradigmas de permutação de tempo são aplicáveis, no interior do *status* como espaço para percorrer a avenida do jogo representacional, pela imagem, procede similitudes entre comunicação face a face tecida por Goffman e a midiática. Insiste-se em que o domínio proeminente das empresas privadas de tecnologia provedoras dos serviços de comunicação entre usuários deve se estender aos estudos independentes ou acadêmicos no campo das Ciências da Comunicação dos Estudos da Mídia - em especial, na

construção de pontes interdisciplinares. O Diário de Mídia deve percorrer como um constituinte relato imagético aplicável aos estudos de interação midiaticizada.

Levante-se a hipótese de haver elementos comuns entre a comunicação face a face e a midiaticizada, ao exprimir a noção de ancoragens de interação, procedente da proposta goffmaniana de estudar quadros de interação, as *evidências empíricas* provenientes das funcionalidades técnicas de grupos de *WhatsApp*. *Frames of relevance* nas leituras teóricas de Hepp e Hasebrink (2018) é expressão traduzida no Brasil como “enquadramentos temáticos” (HEPP, 2014; HEPP, HASEBRINK, 2015). Contrastando a mesma dicção com a edição brasileira de Erving Goffman (2012a), “quadros de relevância” é dicção utilizada como equivalência a “*frames of relevance*”¹, não havendo referência traduzida pela expressão “enquadramentos temáticos”. Em Goffman ([1974]1986; 2012a; 2012b), o significado ocorre massivamente pelo termo isolado *frames*, enquadramentos ou quadros, sendo este aplicado à noção de experiência simbólica e cognitiva pela interação cotidiana. Exprime-se que não há uma distinção concreta² entre *thematic frames* e *frames of relevance* para representar a releitura dos conceitos de *frames* de Goffman.

Assim, ao considerar as imagens estáticas e em movimento na funcionalidade de *status* como ancoragens de interação é pontuar que são retratos das cenas não apenas das memórias dos sujeitos, mas, também, retratos dos marcadores de uma interação. Chamam a atenção à medida que se colocam como espaços de retratos das subversões das mudanças dos quadros, das ritualidades e vulnerabilidades das rodas conversacionais. São retratos de *frames* de relevância, chamadores de atenção no tempo curtíssimo das interações fajutas-instantâneas. Literalizam-se em cópias de realidades dos alardes dos acontecimentos. *Status* do *WhatsApp* são retratos do *momentum* primariamente imagético.

Uma conversa no *WhatsApp* pode ser iniciada sem a intencionalidade de ação e com a intencionalidade da ação. O ato de se buscar um contato para um diálogo é similar ao de fazer um telefonema, ou ir à sala do chefe para reportar um ocorrido, ou ir ao quarto da

¹ Buscando os termos no livro em inglês original, foram encontradas três ocorrências em Goffman (1974/1986).

² Estes termos são utilizados por diversos autores na obra organizada por parte de Hepp e Hasebrink (2018) na intenção de referir-se a *frames* goffmanianos.

mãe e reclamar do disse-me-disse da vizinha. Ou seja, em ambos os casos, há uma intencionalidade da ação de reportar, comunicar, reclamar. Ao navegar na espacialidade forjada da funcionalidade de *status* é tematizar o mundo por via de retratos imagéticos, tão iguais a passear no corredor da avenida, deparar as caras e silenciar, não olhar, ou chamar atenção pela cantoria sussurrante do caminhar. Ao andar pela rua do beco, o interlocutor não intenciona falar com a surpresa de quem estará na mesma cena. Não há intencionalidade dialogal ao explorar a função *status*, mas, há pulsão. **Impulsão dialogal** pela imagem, estática e em movimento.

O oposto ocorre para o interlocutor que se representa pela função *status*. O ato de postar uma foto estática em movimento, na funcionalidade que garante presença por não mais do que 24h, é o palco da avenida carnavalesca antes do desmonte da quarta-feira de cinzas. Postar um vídeo ou uma foto é vestir uma fantasia carnavalesca com a intencionalidade dialogal, de seus corpos falarem com os transeuntes da avenida. Também representa a impulsão de retratar o *momentum*. É o ato intencional de tematizar o ritual e a vulnerabilidade do instante comunicacional - de um “oi” com meia-resposta, ou de uma longa ou média conversa.

Quando a imagem se torna ancoragem de ritualidade e vulnerabilidade, sendo retratos dos quadros de interações que virão, marca-se a cena. O pesquisador, para encontrar evidências, latências empíricas, precisa de aparatos que acompanhem a velocidade do correr da avenida. Para se pesquisar mensagens políticas no carnaval de Barranquilla, por exemplo, pode-se apostar em uma pesquisa de opinião por questionário ou entrevistas que, por si, já são *habitus* da imaginação da lógica da incorporação do palco científico (CRISTIANO, 2011).

Portanto, para adentrar os enquadramentos da pesquisa com imagem, pelas latências transformativas que as fotografias aderem junto às inovações das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), aproximar-se do objeto empírico pelo prisma do interlocutor é urgente. Este artigo é um chamado para além do olhar das figurações imagéticas nas rodas de interação aos estudos dos *frames*, olhar a um potencial campo que venha a alicerçar na América Latina: Antropologia da Mídia. Já se tangencia um vislumbre antropológico aos Estudos da Mídia e das Ciências da Comunicação (MAGALHÃES, 2008; RODRÍGUEZ, 2019). O grupo de trabalho “*Media Anthropology*

Network” da *European Association of Social Anthropologists* (EASA) também se mostra interessar pela aproximação dos campos. Utilizar-se da etnografia pela proposta do Diário de Mídia, sem embargo, carece de desafios metodológicos. Não se intenta propor adensamento metodológico neste estudo, como as pretensões comerciais do que já se tem patenteado como *Media Diary* (*Diário de Mídia*) nos Estados Unidos. A angústia empírica traçada decorre da necessidade de interpretar as literalidades de agenciamento que faz pela mimese das técnicas da linguagem - diante, em especial, dos esforços de compreensão do *WhatsApp* como instrumento de pesquisa que pesquisadores brasileiros e latinos empenham-se (BAPTISTA *et al.*, 2019; BARBOSA; MILAN, 2019; DEL CARMEN PRIETO-TERRONES; SANZ-MARTIN, 2019; GIRALDO, 2018; ROSSINI *et al.*, 2020).

Diários de mídias aplicados às pesquisas em aparelhos celulares têm sido colocados como uma versão quantitativa para além das intenções deste estudo (CHAN-OLMSTED; SHAY, 2014). O critério amostral desta pesquisa foi por conveniência, alcançando dois participantes elegíveis para participação. Pelo cumprimento metodológico do Diário de Mídia ter sido atendido em apenas um dos entrevistados, optou-se por descrever apenas um interlocutor. O pesquisador publicou um anúncio pago na rede social Twitter, estimulando participantes que mantinham na memória a utilização da funcionalidade *status* durante o período do carnaval. Em abril de 2020, seguindo os critérios éticos desta revista, os participantes formalizaram as assinaturas dos termos de compromisso sucedido pelo estágio pontuados metodologicamente. Intentou-se sistematizar um Diário de Mídia centrado na narrativa da imagem ao resgatar a memória do participante do jogo representacional da interação ocorrida no Carnaval movido pelo *status*.

Este experimento considera que a funcionalidade *status*, além de ser retrato do jogo representacional de uma interação, é latência empírica para aplicação do Diário de Mídia. Sugere ser evidências dos movimentos da pesquisa antropológica de mídia. Não tendo sido possível concretizar uma pesquisa de mídia sincrônica, o Diário foi estratégia para acompanhar os movimentos que a imagem sugere no aguçamento da memória dos participantes.

O primeiro movimento colocado foi o ato de, com amparo na experiência pretérita, registrar a imagem como estampa do acontecimento. O Diário de Mídia ocorreu pelo

aplicativo Google Formulários. Não se utilizou de perguntas fechadas em formato de questionário, mas sim como repositório da memória. Foram construídas quatro seções no formulário. A primeira sobre identificação dos participantes e autorização dos termos éticos da pesquisa com imagem e seus direitos de uso na pesquisa. A segunda seção serviu como arquivamento dos retratos da pesquisa.

Retratos e retratos de retratos, por meio da funcionalidade do registro da tela. Se os *status* são os retratos do *momentum*, os registros de seus registros passaram a ser o acervo da pesquisa. Tematizado pelo *frame* do carnaval de 2020, solicitou-se as seguintes imagens, com as seguintes ações.

- “Momento do status: Inserir *Print* do início da conversa motivada pelo Status postado durante o carnaval.”
- “Antes do status: Inserir *Print* do início da conversa anterior do Status postado durante o carnaval com a mesma pessoa.”
- “Depois do status: Inserir *Print* do início da conversa depois do Status postado durante o carnaval com a mesma pessoa.”

Print Screen (prints) são os retratos das telas que se referiram como marcadores das conversações motivadas pelo ato da postagem das imagens estáticas ou em movimento. Todas as imagens coletadas foram estáticas, não tendo sido explorados os vídeos nesta pesquisa. Procedeu-se para registro do momento da postagem, daí o requisito aos participantes em saber se seus históricos de conversações estavam ativos. Não se pretende analisar o conteúdo das interações, mas sim, propor uma sistemática para aplicações futuras mais esmiuçadas.

O ato de tematizar a pesquisa escolhendo um evento como o carnaval brasileiro é, por si, metapesquisa. Se os argumentos até aqui colocados sugerem que os atos de comunicação em aplicações como as do *WhatsApp* são representações da vida cotidiana permeadas de ritualidade e vulnerabilidade, o carnaval, então, é, *par excellence, corpus* potencial para as figurações dos sujeitos da pesquisa.

Figura 1 - *Status* postados que culminaram em interações (fotografias horizontais).



(a) *Status* 1



(b) *Status* 2

Figura 2 - *Status* postados que culminaram em interações (fotografias verticais).



(a) *Status* 3



(b) *Status* 4

O recurso *WhatsApp Status* permite aos participantes compartilhar mensagens para todas as suas redes que tenham o contato do remetente salvo na lista telefônica. As mensagens podem ser exibidas por texto, imagem e vídeo, e têm uma duração de 24 horas. Três critérios foram decisivos para a escolha dos participantes: i) se as mensagens foram salvas

em seus aparelhos celulares; ii) se as interações foram iniciadas pelo lançamento de algum *status* no *WhatsApp*; e iii) se as mensagens foram conduzidas no carnaval e também sobre o carnaval. A maior dificuldade da pesquisa foi encontrar participantes que tiveram as mensagens salvas, já que a funcionalidade não permite que o usuário acesse o histórico de *Status*. Como já salientado, em abril de 2020, um anúncio pago feito pelo *Twitter Ads* permitiu a reunião com o participante escolhido de codinome Guaropé. Os outros participantes, em geral, tinham como conteúdo do anúncio *Status* relacionado a festas no carnaval (conteúdo comercial), portanto, foi decidido não os considerar nesta amostra de pesquisa.

O segundo movimento da pesquisa pelo Diário de Mídia foi relativo à interação que ocorreu motivada pela postagem dos *status*. “Expor aos meus amigos um momento legal ou que estava com pessoas especiais no meu carnaval.”, disse Guaropé, na terceira seção do Diário de Mídia em uma rodada de perguntas abertas. “É uma ferramenta que mesmo expondo uma mídia na internet, temos um controle maior de quem vê.”, complementara. Quando se questionou o tipo de arquivo que o interlocutor costumava postar, vê-se a importância que as imagens estáticas adquiriam junto à funcionalidade de *status*: “Fotos, pois registram um momento de diversão.” Por fim, a seção dava espaço para que o entrevistado expusesse como o *status* postado tematizava o acontecimento da pesquisa: “Todas as imagens postadas foram tiradas no carnaval em momentos que estive me divertindo com meus amigos.” - salientou Guaropé.

A quarta seção do Diário de Mídia sugeriu uma reflexão sobre os momentos de interação que ocorreram a partir da postagem dos *status*. Resumiu-se no Quadro seguinte a relação entre os *Status* postados e o nível de relação social dos atores presentes nas fotografias registradas nas Figuras 1 e 2, bem como o nível de conversação pelo aplicativo *WhatsApp* a que o *status* ancorou uma interação.

Quadro 1 - Relação entre *Status*, frequência de diálogo e contato

<i>Status</i>	Sobre sujeitos do <i>Status</i>	Sobre sujeitos das ancoragens de interação	Sobre a frequência de comunicação com o sujeito da interação
<i>Status</i> 1 (Figura 1)	“Ator 1 (chamando por apelido): Nós somos amigos bem próximos...”	Participante da fotografia foi o mesmo da interação	“diariamente...”

Status 4 (Figura 2)	“Ator 2: Nós somos amigos...”	Participante da fotografia foi o mesmo da interação	“em média, semanalmente...”
Status 2 (Figura 1)	“Ator 3: Nós somos amigos...”	Participante da fotografia foi o mesmo da interação	“em média, semanalmente...”
Status 3 (Figura 2)	“Ator 4: Somos colegas, já nos conhecíamos antes, mas nos aproximamos mais no carnaval...”	Participante da fotografia não foi o mesmo da interação	“raramente...”
Status 3 (Figura 2)	“Ator 5: Somos amigos bem próximos...”	Participante da fotografia foi o mesmo da interação	“em média, semanalmente.”

Distintos arranjos sociais podem ser aferidos pelas figurações dos atores retratáveis pelas funcionalidades técnicas dos dispositivos de comunicação. O Quadro exposto traduz que as relações sociais são tão versáteis quanto as produzidas pelas interações midiáticas. O Diário de Mídia como espaço de registro dos movimentos da pesquisa pontuam as brechas que uma definição temática afere pela lente da observação, e somente traduzível pela manifestação da representação que a imagem cambia. O texto pode limitar entendimentos acerca da coleta de dados das informações dos interlocutores, mas a simbolização das imagens das imagens, talvez, seja gancho para o procedimento próximo que esta pesquisa explorou - retratar a imagem retratável pela narrativa do desenho digital.

A pesquisa de enquadramento temático (*frames of relevance*) centrada na mídia propõe desafios de traduzir os relatos dos interlocutores. Não é intenção deste artigo considerar um Diário de Mídia apenas como repositório de imagens e microrelatos. Acima de tudo, porém, entendê-lo como espaço para as itinerâncias das pesquisas, dos movimentos das etapas qualitativas. O desafio das pesquisas das relevâncias que ocorrem em dispositivos móveis encontra na velocidade de informações a maior barreira para o registro do *frame*. Registrar os movimentos da pesquisa é assumir que o Diário é espaço para diário visual do *momentum*, do fato científico a ser narrado. Tematizar as memórias dos interlocutores em um Diário de Mídia é interpelá-lo ao exercício do retorno à cena. As últimas seções do Diário de Mídia dedicaram-se a isso, consoante mostrado na próxima seção.

Enquadrar o carnaval na memória de Guaropé é fazê-lo participante, integrante das releituras do evento. Se suas palavras não foram suficientes para conclusões sobre a

mediatização das interações, o recurso do desenho virtual, das imagens das imagens, fará reconstruir a cena da avenida que a itinerância não sincrônica da pesquisa acompanhou.

As características técnicas do *WhatsApp* concedem elementos para encontrar estruturas de relevância, cortando empiricamente com base em âncoras de interação. A interpretação da análise de dados apresentada promove outros debates nesta seção. As manifestações criativas dos corpos no carnaval são um meio de ancoragens de interação, mas de simbolismo por mensagens políticas. Tange-se olhar as manifestações folclóricas, não do ponto de vista cultural, mas como um símbolo da comunicação política que emana das tensões sociais.

Octavio Paz, em *El labirinto de la soledad* (1999), não tomou o carnaval como um centro de estudos. Florestan Fernandes, em *O folclore em questão* (2013) também não focalizou o carnaval como um debate sobre narrativas folclóricas. É desses autores, entretanto, que vem a inspiração para as questões de debate neste artigo. O carnaval brasileiro é semelhante à celebração mexicana do *Día del Muertos*; ou a *Fiesta del Grito*, que às onze horas da noite de cada 15 de setembro invade os gritos sociais e políticos nas praças do México. Mascaradas pela definida "manifestação cultural popular", aparecem outras máscaras. "O indivíduo respeitável joga fora sua máscara de carne e opaca escura que as isola e, vestida de cores, se esconde em uma máscara que o liberta de si mesmo" ("El individuo respetable arroja su máscara de carne y lar opa oscura que lo aísla y, vestido de colorines, se esconde em uma careta, que lo libera de sí mismo") (PAZ, 2004, p. 55). Veem-se os desenvolvimentos políticos e as questões inicialmente lançadas no recorte histórico do povo mexicano expresso em *El labirinto de la soledad*. Estas fontes teóricas inspiram este artigo para sintetizar temas sobre cultura e política, folclore e carnaval urbano. Outros "status" para além dos que ancoras pela comunicação mediatizada.

Foi no ato de colocar máscaras que as identidades do indivíduo foram ocultadas desde o século XIX. Elas revelaram o *status* social nas sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro de 1850 a 1960. "A elite carioca se assustava com as marchas de entrudo com grandes "filas de negros lideram a passeata" tocando instrumento e 'marchando militarmente como se fossem atacar', com uma multidão gritando e gesticulando atrás". (COSTA; CARVALHO, 2015). Silvio Romero havia entendido a concepção política e a importância educativa nas narrativas folclóricas. O foco era o sentimento da memória do

imaginário do século XIX - como os círculos de samba de criollos e mestiços que difundem de forma sensual uma naturalidade do cruzamento de raças.

Silvio Romero, junto com Amadeu Amaral, Mário de Andrade e, mais contemporaneamente, Renato Almeida e Florestan Fernandes, refletem sobre a cultura brasileira, colocando o imaginário folclórico no centro dos debates acadêmicos com suporte numa perspectiva teórica, literária ou metodológica. Silvio Romero é nosso primeiro folclorista representativo - considerado como um folclorista de pesquisa que, de um ponto de vista crítico, baseado em concepções eurocêtricas anteriores, privilegiou a constituição dos estudos folclóricos nacionais (FERNANDES, 2003). Seu foco em personagens como "o português", "o negro", "o índio", entretanto, levou os críticos a entendê-lo como um limitador, pois via nas origens brasileiras um retrato de estudos folclóricos. A diversidade deste imaginário popular é observada em Mário de Andrade, especialmente em termos de narrativa, assim como em Florestan Fernandes, a expansão da questão folclórica em campos multidisciplinares de pesquisa.

O carnaval no Brasil sempre foi marcado pela resistência política criativa por meio das letras das canções, das fantasias e da exacerbação dos corpos na avenida. O viés político permeou as marchas carnavalescas desde o século XIX. "Ô-Abre-alas", composta em 1899 por Francisca Edwiges Neves Gonzaga, conhecida como Chiquinha Gonzaga, expressou resistência e emancipação na estrofe única: "Ó, abre alas/Que eu quero passar/Ó, abre alas/Que eu quero passar/ Eu sou da Lira/ Não posso negar/ Eu sou da Lira (...)". A letra da canção carnavalesca correspondia à ruptura da própria figura da mulher do século XIX. Ela quebrou os tabus da época. Chiquinha Gonzaga era mestiça, dedicou-se à música profissional, casou-se e engravidou aos dezesseis anos de idade, enfrentou uma separação logo depois, foi solteira, participou das rodas dos cantores boêmios no Rio de Janeiro. Também introduziu seu ativismo político na narrativa poética de suas composições. Como Chiquinha, tantas outras compositoras viram no carnaval a expressão política em relação a aspectos sociais ou de Estado.

Os reflexos de resistência em sua letra refletiam a história de sua vida. Rosa Maria Neves de Lima, sua mãe, uma escrava negra libertada, viveu apaixonada por José Basileu Neves Gonzaga, branco e de olhos claros, de uma ilustre família do Império Português. Este relacionamento conturbado de seus pais e rejeitado por seu avô paterno influenciou a vida

inteira de Chiquinha Gonzaga. A difícil trajetória de uma filha mestiça com um homem militar já estava prevista ali (COSTA; CARVALHO, 2015). As máscaras do carnaval, ou das músicas politicamente mascaradas, narram o imaginário folclórico. A máscara livra o medo, o imaginário repressor, o desejo. Pucheu (2006, p. 166) defende o argumento de que “[...] a mediação das máscaras realiza uma imediação possível com o real. O alegórico está a favor do real, submetido a ele”.

Florestan Fernandes (2003) dedica especial atenção à importância da memória de Mário de Andrade como folclorista brasileiro. Se a obra *Macunaíma* representa o caráter *nacional* da cultura popular, sua contribuição na poesia como em *Carnaval Carioca* sinaliza a metaforização das questões sociais. “Em ‘Carnaval Carioca’, *verbi gratia*, aproveita com bons efeitos poéticos um vulgarizadíssimo provérbio: ‘eu enxerguei com estes olhos que ainda a terra há de comer’”. (FERNANDES, 2003, p. 175, grifo original). *Macunaíma* explode o compêndio de folclore na obra de Mário de Andrade observando sua contribuição folclórica “do branco, do negro, do índio, a função modificadora e criadora dos mestiços e dos imigrantes, as lendas, os contos, a paramiologia, as pegas, os acalantos, a escatologia, as práticas mágicas – da magia branca e da magia negra [...]”. (FERNANDES, 2003, p. 178).

É, contudo, em Florestan Fernandes que se encontram a ampliação, a crítica, a proposta, condensadas em um estudo sociológico denso, que converte a questão do folclore para o ponto de debate deste artigo. Fernandes (2003) delibera o entendimento de que este estudo oferece as manifestações carnavalescas metropolitanas no Nordeste brasileiro, dentro dos blocos de rua e sem esquecer do maracatu e do frevo. Em Fernandes (2003), entende-se que as manifestações políticas metropolitanas nascem e remanescem criativamente de maneira dinâmica.

Nas imagens analisadas pela funcionalidade *WhatsApp Status*, é percebido um posicionamento político, não necessariamente partidário, do entrevistado, tendo relatado que o povo do bloco de rua em sua cidade estava tentando se expressar a favor das lutas e demandas políticas da comunidade LGBTQ+, justificando, assim, seu adereço carnavalesco. Considerando-se heterossexual na primeira rodada de identificação do Diário de Mídia, Guaropé desmistificava as máscaras de uma suposta masculinidade, travestindo-se com roupas de mulher em vários dos *status* compartilhados. A imagem

da *WhatsApp Status* analisada mostrou não apenas uma ruptura com o normal, explicando as rupturas nos padrões sociais dos homens vestidos de mulher, mas também as atitudes do entrevistado em relação às interações foram baseadas em quadros temáticos favoráveis ao posicionamento político de seus amigos. A captura deste entendimento é mais notória nas duas últimas rodadas que o Diário interpelou Guaporé, mostrado na próxima seção: o uso dos desenhos digitais - autorretratos das imagens técnicas compartilhadas, como impulsão dialogal, incontido alarde, que o *status* pode **figurar**.

Aqui chega-se a um ponto importante que o artigo procura discutir: os quadros de relevância dados por via de uma ancoragem de interação relacionada com a funcionalidade técnica de uma aplicação de comunicação instantânea. Traduz-se, então, que as dinâmicas das manifestações politizadas podem adquirir ao bojo das funcionalidades técnicas da imagem, ponderações na imagem partilhada. O *print* das imagens coletadas, conforme sintetizado no Quadro desta seção, na condução das subseções do Diário de Mídia guiaram Guaropé para três estádios: i) Sobre sujeitos do *Status*; ii) Sobre sujeitos das ancoragens de interação; e iii) Sobre a frequência de comunicação com o sujeito da interação. Mesmo que nestes *frames* durante, antes e depois do *status* não se ter evidenciado explicitamente nenhuma questão política, o ato em si do compartilhamento das fotografias instantâneas figuraram durante 24 horas sendo latência de uma posição política não notória. A relevância do *frame*, pode ser, então, buscada no ato do redesenhar a própria manifestação imagética.

Se até aqui o Diário de Mídia mostra-se como artifício para retrato da cena figurativa investigada e movimento da pesquisa pelo delineamento do objeto, na próxima seção se evidenciará a observação para estratégias de consideração do enquadramento temático da pesquisa com imagem, sendo acervo para mais um *frame* relevante nas pesquisas com imagens da interação: desenhos digitais. Os redesenhos das imagens técnicas, literaliza o reescrever da interação, refletir sobre a própria figuração assumida no ato de postar. Antes de tudo, procura-se entender o olhar etnográfico centrado na mídia, como recorte dos movimentos do próprio ato de enquadrar uma busca temática. Uma compreensão do “o que está acontecendo aqui?” de dupla mão dos interlocutores da pesquisa, dos supostos pesquisados e pesquisadores.

Autorretrato: resultados e encontros

Com barba longa, esturricado pelo sol, calças da cor da terra, capacete estilo colonial, botas de couro de cano e uma mochila repleta de ferramentas, Lévi-Strauss poderia se assemelhar a qualquer personagem de Guimarães Rosa. Nos sertões do Mato Grosso, antes de completar 30 anos, em 1938, o antropólogo, “pai do estruturalismo”, conduziu uma expedição etnográfica a fim de observar os índios *nhambiquaras*. Em sua mochila, inúmeros cadernos de notas, gravador e máquina fotográfica, narrados cerca de 15 anos após sua experiência no Brasil em *Tristes Trópicos* (1957). O olhar do antropólogo à linguagem e estética em campo, com sua técnica de justaposição, colagem e descontinuidade narrativa, fortaleceu as pesquisas etnográficas como quase sinônimo das antropológicas. É nos trabalhos antropológicos que se encontram maiores proximidades com pesquisas etnográficas e maior uso das ferramentas de registro das observações. Saindo do escaldante caldeirão das terras latinas dos *Tristes Trópicos*, Mauss (2003, p. 442) relata a importância dos diários de viagem de Glazunov, em 1924, ao descrever com “densidade máxima” os esquimós do delta do Kuskokwim. Congelante ou escaldante, de um trópico a outro, da Antropologia à Sociologia, a Comunicação da *criativa* observação por imagens técnicas, escritas ou narradas da realidade observada será condensada ao longo dessa tese ao pensamento de Vilém Flusser como aos paradigmas da observação no campo da comunicação.

O olhar *vigilante* para as “observações” é uma das estratégias mais sensatas para o fazer ciência no “mundo da vida” aliada à leitura sistêmica da realidade de um fato. O *status*, hoje, é a experiência tecida na palma da mão que fotografa o momento. Esta seção tenciona o papel do diário e do etnógrafo às configurações do tematizar a observação científica. Pondera-se o Diário como latência do movimento da pesquisa. Se o carnaval é o retrato da pesquisa, novos métodos de olhá-lo são vislumbrados, a exemplo do que se fez com o sujeito do Diário autorretratado. Se a velocidade da avenida não acompanha o instrumento de coleta de dados, se a interação, por direitos de privacidade e ética da pesquisa bloqueiam o instrumento, é pela memória que o acervo do etnógrafo da mídia, do sujeito da imagem, recai.

O escrever no “diário de campo”, o fotografar e o gravar das impressões acerca do observado são verbos inerentes ao desenvolvimento de uma pesquisa com caráter qualitativo. Para antropólogos, sociólogos, comunicólogos, e cientistas sociais de modo geral, enxergar a observação como um pontapé inicial da pesquisa ou como processo, ou

mesmo considerá-la no cerne do método de investigação, condiciona-se ao próprio caráter disciplinar da área do conhecimento do sujeito pesquisador. Não são férteis os debates no campo da Comunicação a respeito do observar como um processo sistemático para a pesquisa, por mais que suas principais ferramentas de registro (diário de campo, fotografia e gravador) já estejam bem esboçadas pelos epistemólogos. Esta seção da tese propõe uma reflexão e um diálogo em torno da observação como processo e método a ser conduzido mais fortemente nas pesquisas qualitativas de comunicação mediadas na subjetividade do pesquisador e no registro de seu **mundo** imerso a **fatos** por ferramentas dialogais e visuais no prisma teórico da imagem técnica, ação comunicativa desdobrada na vigilância epistemológica da pesquisa; observação que muda a partir daquele que mira, como alerta Guimarães Rosa (2001), em seu *Grande Sertão: Veredas* “mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando”.

A perspectiva qualitativa insere-se no centro epistemológico das Ciências da Comunicação no tempo da geração de conhecimento apoiada em recentes debates históricos contrapostos à exclusividade do positivismo e do retrato quantitativo na interpretação dos fatos sociais. Essas perspectivas oferecem “percepções próprias dos sujeitos que são lugar, habitam ou intervêm esse fenômeno [observado]” (“percepciones propias de los sujetos que dan lugar, habitan o intervienen esse fenómeno”) (OROZCO; GONZÁLEZ, 2012, p. 116). No ensejo da era da racionalidade comunicativa há o entrelaçamento de interpretações cognitivas, expectativas morais, expressões e avaliações pessoais no “mundo da vida” (*Lebenswelt*) do pesquisar e sua subjetiva observação ao objeto que se constrói no decorrer de seu interesse na investigação.

A observação dos fatos sociais atrai antropólogos, etnólogos e sociólogos que historicamente travam batalhas teóricas nas suas leituras, releituras e críticas findadas nos sugeridos “dito certos” canônicos. A Comunicação, em sua essência transdisciplinar, na constituição de um conhecimento utilitário, mas não limitado ao distanciamento entre “coisa” e “investigador”, vê na observação subjetiva uma ferramenta interpretativa acerca da realidade mais real. Por certo, as observações de Lévi-Strauss acerca dos *nhambiquaras* registradas em suas notas de campo e nas *imagens técnicas* de suas fotografias não foram as mesmas das observações de Vilém Flusser, quando este “se encantou com as pinturas rupestres da gruta Lascaux, na França”, como lembra Hanke

(2016, p. 4). Por certo, entretanto, o entendimento acerca do homem que produz sentido em suas experiências estéticas.

O pensamento e a sensibilidade acendem a uma nova dimensão em que cada gota de suor, cada reflexão muscular, cada ôfego tornam-se outros tantos símbolos duma história de que o meu corpo reproduz o movimento próprio ao mesmo tempo em que meu pensamento lhe abarca a significação (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 52).

A imagem de touro na parede rochosa é um reconhecimento fixado, uma vivência fixada, uma apreciação fixada, além de servir como modelo para reconhecimento, experiências e atuação intersubjetiva, em futuras caças de touro [...] (FLUSSER, 1999A, p. 84, *apud* HANKE, 2016, p. 5).

Cada “gota de suor” ou encanto ao ser “a imagem de touro na parede rochosa” reproduz não apenas “o movimento próprio” do pesquisador, mas a “vivência fixada” observada do sujeito que sente, imagina, debate, registra e simboliza. E também do sujeito que age comunicativamente na defesa de suas ideias categorizadas racionalmente por categorias estruturalistas ou fenomenológicas. A comunicação é a ponte entre a “gota” e o “touro”.

Hanke (2016) mostra evidências contundentes de que a comunicação é o processo racional mais antigo na história da humanidade, por ser atalho de acesso ao mundo na mediação das experiências estéticas pela busca de uma realidade mais real possível. Destaca o caráter *animal symbolicum* da definição de Cassirer (2001, p. 50, *apud* HANKE, 2016, p. 3), que influenciou fortemente Vilém Flusser. E ainda lança no decorrer de suas considerações três visões pragmáticas ao entrelaçar ideias flusserianas, schützianas e habermasianas e: i) a junção entre a experiência estética e a racionalidade, sendo a capacidade de simbolização as chaves de uma racionalização estética; ii) a linguagem como forma de comunicação poder distorcer a realidade; e iii) a tradução das experiências estéticas em linguagem reprodutora das formas comunicativas cotidianas, fonte de racionalização. Estética, linguagem e razão parecem, assim, ser elo da comunicação. Fotografia, texto e fala são instrumentos avaliativos intrínsecos à observação como o processo do processo de pesquisa.

Uma observação instrumental, mas bem além desta: vigilante ao entender os limites da própria subjetividade, fortalecido pelo espírito da constante interrogação e autocrítica debatida pelo próprio pesquisador acerca do seu entendimento de mundo. Como esclarecem Orozco e González (2012, p. 104), ao ver que “a realidade e a observação

havia sido mantidas em torno dos princípios de indagação. Como conseguir isso? Apenas através da própria vigilância e da constante autorreflexão, sem perder a consciência de que em qualquer momento a própria subjetividade trai o investigador” (“la realidad y la observación que se haya mantenido en torno a los principios de indagación. ¿Cómo conseguirlo? Sólo a través de la propia vigilancia y la constante autorreflexibilidad, y no sin la consciencia de que en cualquier momento la propia subjetividad traicionaría al investigador”).

A ambiência capturada por uma lente que dissimula a realidade assume códigos de acordo com o contexto que estabelece relações de sentido com o observador. Existe uma situação de confiança nas imagens técnicas, e se existe crítica, “[...] não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo.” (FLUSSER, 1985, p. 10). Nessa perspectiva, aliam-se esses aspectos à necessidade que se sente de que as fotografias transmitam conteúdo ou alguma mensagem. A cada leitura interpretativamente simuladas à plateia-telespectador-mediada, não ficaram resguardadas a paixão e a sedução por toda palavra escrita em um diário de pesquisa, que, aliado à fotografia, constitui técnicas historicamente empreendidas pela Antropologia e pela Sociologia. Olhar fixo do investigado mesclava-se ao do pesquisador. Estas expressões expostas na linguagem audiovisual me fazem chocar, comover, me deixam saudosos ou mesmo indiferentes – nada será enxergado sem que seja sentido. Essa interpretação está ligada muitas vezes a uma produção social, tais como uma abordagem histórico-cultural.

A aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem tenciona lhes captar o significado. Com efeito, são elas símbolos por demais abstratos: codificam textos em imagens, são metacódigos de textos. A imaginação, à qual devem sua origem é capacidade de codificar textos em imagens (FLUSSER, 1985, p. 10).

Um fotógrafo assim alimenta a alma com significados múltiplos de um só referencial. Um admirador da fotografia, estática ou em movimento, também. Ao longo dos anos, as pessoas foram capazes de entender a fotografia como modalidade de expressão. Para Cassirer (1994), a realidade física recua em proporção ao avanço das atividades simbólicas do homem. Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse

universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana. Todo progresso humano em pensamento e experiência é refinado por essa rede, e a fortalece (CASSIRER, 1994, p. 2). Ao se expressar algo por meio de fotografia, provoca-se o duelo entre realidade e simbolização. Cassirer (1994, p. 2) reforça veemente, ao dizer que “[...] o homem não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades e desejos imediatos”.

No campo da Comunicação e dos Estudos da Mídia, a dicção “observação etnográfica” se confunde com o termo “participante” por envolver interações e imersões em seu sentido concreto. Uma vantagem da referência aos graus de observação e participação e a interface com outros métodos de coleta de dados é que evita a terminologia controversa e questionável de etnografia, que foi importada em pesquisa de mídia e comunicação, particularmente durante os anos de 1980. Jensen (2002, p. 242) sinaliza ainda que, de acordo com Fielding e Lee (1998, p. 28), as observações etnográficas continuam a enfrentar problemas especiais de documentação, baseando-se nos tipos heterogêneos de dados, mas se fortalecem nos diários de campo manuscritos como a peça central natural. Contemporaneamente, há uma vertente, representada por Margaret Mead, empenhada em propor que a Antropologia Visual está alocada próxima aos estudos visuais da mídia (BAUER; GASKELL, 2000; J. J. SCHENSUL *et al.*, 1999 *apud* JENSEN 2002, p. 243).

Muitas das pesquisas em comunicação que buscam um viés quantitativo tendem a um envolvimento mínimo aos sujeitos pesquisados. Orozco e González (2012, p. 118) sinalizam que “energia, dinheiro, tempo, esforço e recursos” são causas da não ampliação, ou mesmo da consideração, de muitas dessas pesquisas à visão antropológica classicamente qualitativa (como os trabalhos etnográficos). Um meio-termo entre menor e maior envolvimento e interação com os sujeitos são as entrevistas em profundidade ou observação participante que demanda inclusive menor fonte de recursos e tempo em suas execuções. E ratificam: “além disso, uma observação participante de cerca de 2 ou 4 horas pode ser feita para ver a interação específica como um modo de comunicação sendo analisado”. (“Además, se puede realizar una observación participante de unas 2 o 4 horas para ver la interacción específica como modo de comunicación que se está analizando”). (OROZCO; GONZÁLEZ, 2012, p. 118).

Sem embargo ao menor tempo das observações etnográficas, vale salientar que a observação participante rompeu paradigmas nos anos de 1970 por estudar tabus (usuários de maconha e pacientes de hospícios) no campo das Ciências da Sociologia e da Psicologia, respectivamente representadas por Goffman (1959; 1963), Rosenhan (1973), Becker (1999), deixando como legado uma prática pioneira de imersão em campo em busca de evidências para validação de hipóteses e com especial reflexão sobre a pergunta em torno do objeto a ser estudado, como lembra Becker (1999, p. 30): “Analisamos o sistema de interação no qual o problema surge, exatamente do mesmo modo que analisaríamos qualquer outro sistema de interação”.

A observação participante vê na interação com o sujeito e a autocrítica do pesquisador, também sujeito observado pelo grupo no qual está imerso, caminhos para uma análise qualitativa mais racionalmente livre de “ditos certos”. Rosenhan (1973, p. 12) entende como observadores participantes os sujeitos pesquisadores dispostos à consciência do seu não pertencimento ao grupo e autovigilância no “processo de despersonalização” (“process of depersonalization”).

A Sociologia divisa na observação participante um método qualitativo de pesquisa, e não apenas como pontapé de uma escolha temática ou de interesse pelo objeto. Deixa rastros no entendimento de vê-la como processo que foca a interação e as experiências do pesquisador em campo com os sujeitos observados, tendo o diário de campo como principal ferramenta de análise.

É preciso destacar o fato de que a Sociologia da Escola de Chicago abriu caminhos para a Sociologia como um todo, principalmente no que diz respeito à utilização de métodos e de técnicas de pesquisa qualitativa. O trabalho de campo tornou-se uma prática de pesquisa corrente também na Sociologia, e não apenas na Antropologia. Também proporcionou vários temas de pesquisa à Sociologia contemporânea e desenvolveu novas correntes teóricas, como as teorias do rótulo e do desvio.

Entre os estudos mais representativos dessa corrente, estão os de Howard Becker e Erving Goffman. *Outsiders: studies in the sociology of deviance* (1963, *apud* GOLDENBERG, 2004), de Howard Becker, sobre músicos profissionais fumantes de maconha, discute os processos pelos quais os desviantes são definidos como tais pela sociedade que os cerca, mais do que pela natureza do ato que praticam. *The Presentation of Self in Everyday Life*

(1959, *apud* GOLDENBERG, 2004), de Goffman, analisa os “desempenhos teatrais” dos atores sociais em suas ações do dia a dia.

A Escola de Chicago abriu caminho para correntes teóricas que, mesmo não podendo ser diretamente associadas a ela, não deixam de apresentar certa influência de sua abordagem metodológica, como a fenomenologia sociológica e a etnometodologia (GOLDENBERG, 2004). Concordando com os cuidados apontados nos trabalhos de Becker (1999), Orozco e Rosenhan (1973) e González (2012, p. 119) sinalizam a necessidade de vigilância desse tipo de pesquisa quanto ao envolvimento do sujeito pesquisador com os pesquisados, em especial sob o prisma de não buscar evidência para conclusões já imageticamente tidas como certas: “deve ir calibrando e avaliando se há envolvimento”, para não chegar a conclusões subjetivamente precipitadas.

Esta seção desafia os pesquisadores a usar os Diários de Mídia de maneira mais imaginativa, especialmente destacando a importância da autorreflexão e das imagens no uso da mídia em eventos tão maciços como o carnaval. A maior celebração da alegria do povo brasileiro, a maior festa popular da América Latina e uma das mais importantes do mundo, o carnaval de rua, aconteceu dos dias 21 a 26 de fevereiro. Esta pesquisa escolheu esta data comemorativa porque entende que o carnaval de rua é também o momento de maior representação da comunicação política de uma maneira inusitada. Optou-se por compreender o carnaval no sentido representativo, adotando o entendimento de Erving Goffman sobre as interações. Especialmente porque se entende que parte desta representação e motivações da comunicação política cidadã tem sido vinculada às funcionalidades técnicas de aplicações de comunicação instantânea como a WhatsApp. O conceito de quadros de relevância é aprofundado como um elemento conceitual que explora os estágios de mediatização profunda que se vivencia.

A pesquisa coletou quatro desenhos de Guaropé. Foi solicitado que se fizesse uma reflexão sobre a funcionalidade *Status*, o carnaval e a interação com seus amigos envolvidos no posto, como revelam as Figuras 3 e 4.

Figura 3 - Desenhos como diários da mídia sobre as postagens do *Status* 1 e 2.

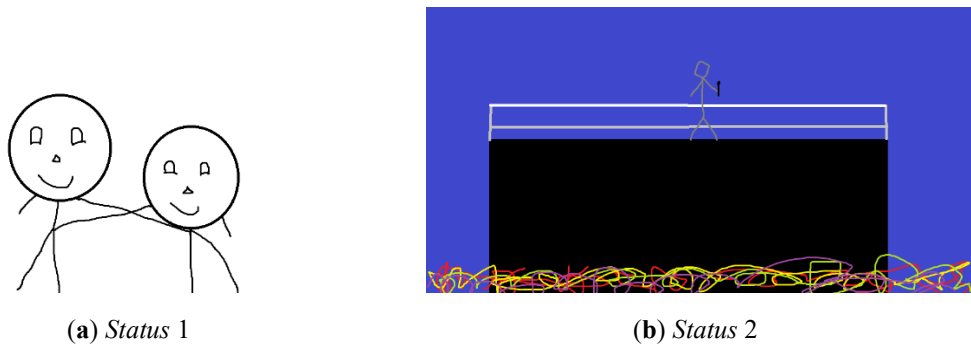
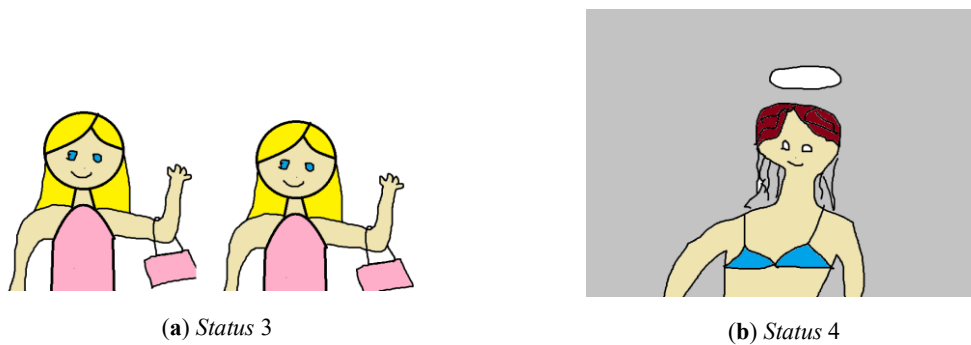


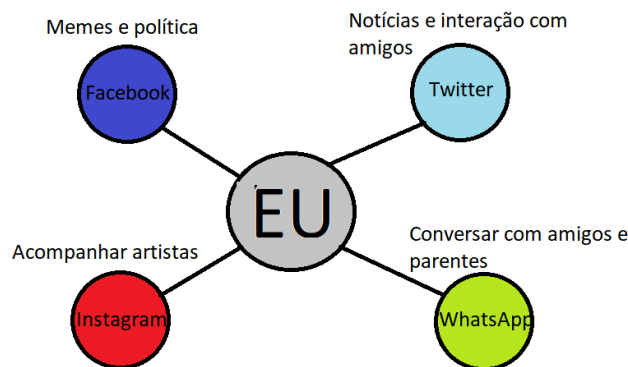
Figura 4 - Desenhos como diários da mídia sobre as postagens do *Status* 1 e 2.



A intenção é usar um modelo autoetnográfico, tendo-o entrevistado como o centro da pesquisa. Isto denota o conceito de mediatização profunda que é pontuada por quatro instâncias: constelação de atores, enquadramento temático, formas de comunicação e conjunto ou repertório de mídia. O uso de desenhos na seara da Antropologia não tem sido utilizado apenas em estudos infantis. "Primeiro, o desenho não era nada, depois se tornou liberdade". Os desenhos ajudam a estabelecer o uso dos Diários da Mídia, pois, em termos práticos, ajudaram na análise de dados que não limitavam a espaço de coleta das experiências subutilizado no formulário do Diário de Mídia. Percebe-se aqui, quatro *frames* relevantes provenientes dos *status* das imagens. Poder-se-ia dedicar alguns parágrafos para defender teses acerca de companheirismo (*Status* 1 – figura 3); diversão (*Status* 2 – figura 3); desconstrução de gênero (*Status* 3 – figura 4); flerte (*Status* 4 – figura 4). Não tendo como espectro analisar o conteúdo, mas aludir apenas à forma, põe-se em debate uma estratégia metodológica para coletar o **relevante** da imagem traduzível. Alude-se a relevância da pesquisa em duas vias observáveis: para o interlocutor que escreve e busca o tema; e para o interlocutor que participa da abstração proposta.

O *Status* 3 da figura 4 abrirá espaço para pesquisas futuras discutirem como mensagens políticas do que o não falado afere no estabelecimento do Diário de Mídia. Ao contrastar com o Quadro expresso na seção anterior e com a Figura 3, a utilização das cores no desenho digital endossa o que o Diário não revelou. O tom político registrado em mensagens de áudio trocadas em um breve relato que Guaropé teve ao dizer que o *Status* 3 representava o ato de resistência que o carnaval interpela nos blocos que fazem os papéis de gênero estabelecidos se inverter. “Homem de mulher e mulher de homem, aquele bloco carnavalesco foi minha resistência política diante do que vivemos”. A última seção do Diário abriu espaço a Guaropé para reproduzir sua relação com a mídia, sugerindo que ele fizesse o autodesenho com base no “eu” no centro do papel. Nada mais foi dito, ou pontuado, após a representação do seu eu midiático. A rede *WhatsApp* não parecia ser tematizada politicamente. Não parecia.

Figura 5 - Consumo de mídia do interlocutor por tema.



A embrionária sistematização de um Diário de Mídia encontrou nesta pesquisa os seguintes caminhos a partir da centralidade da interação midiaticizada: i) a utilização das imagens e das imagens das imagens (*print*) como **retrato** do cotidiano do sujeito de pesquisa; ii) orientação dos desenhos digitais como artifício para um eventual roteiro da pesquisa o qual seja latências dos movimentos de idas e vindas do processo investigativo, bem como os procedimentos de análise e **autorretrato**; e iii) uso das imagens na plenitude de suas figurações interativas como estratégias para ampliação dos enquadramentos temáticos da pesquisa antropológica da mídia, em especial, dos estudos das **relevâncias** temáticas. Salienta-se, assim, que a observação é coleta e vigilância

epistemológica potencializada pelo uso das imagens recortadas, movimentadas e tematizadas dos sujeitos da investigação.

Encaminhamentos

A pesquisa qualitativa afere autoenganos se não contrastados à subjetividade dos interlocutores nos movimentos da pesquisa. A utilização do Diário de Mídia, como repositório das imagens e das representações das imagens de uma interação midiática, nesta investigação, é apontada como um endosso qualitativo. Tematizar um fato, um grande acontecimento, ao olhar da mídia, propõe ampliar a decisão exclusivista das pesquisas institucionalistas e sociodiscursivas. Assim, as pesquisas com imagem não apenas são a pungência do *momentum* tema do pesquisador, mas como latências das etapas de elaboração de hipóteses que as imagens revelam. Neste estudo, o diário passa não apenas o drama narrativo do texto, mas como espaço para redesenhar-se a relação dos sujeitos com a mídia e com as interações que funcionalidades técnicas da mídia pela imagem são passíveis de aferir.

O carnaval brasileiro representa há séculos as trocas entre risos e choros, ricos e pobres, ironia e ritmo, música e resistência. Discutir a questão do folclore inter cruzado pelo conteúdo constituído pela poesia popular para o coração das manifestações carnavalescas na metrópole, amplia-se à escolha da centralidade midiática da forma, proposto neste experimento. Se a comunicação política se limita a somente uma esfera de conhecimento, ela seria vista como um foco apenas nas políticas públicas que promovem o carnaval no Brasil; ou nos discursos desses governos na mídia. Tampouco é esta limitação o que interessa este artigo na compreensão das representações simbólicas do carnaval manifestadas na mídia. Sugerir uma construção coletiva do tema de pesquisa junto aos interlocutores dos estudos, é notório na aplicação de um Diário de Mídia, o qual pode ser tecido nos estágios processuais das etapas de investigação. Pela busca do *frame* relevante, técnicas de imagens das imagens (*prints*) e redesenho digitais, devem ser utilizados quando vista a interação do conteúdo por sua forma. Debater o folclórico e o político no caráter da experiência do investigador pela centralidade do enquadramento temático do *momentum* midiático, na crença do estabelecer-se de uma antropologia da mídia, é o chamado que se põe.

A voz que emana nas ruas das metrópoles brasileiras, mediatizada pela mídia de massa, narra um estágio de insatisfação complexa que merece ser estudada por perspectivas transdisciplinares. Esta voz também é mediada na nova mídia representada pelas novas características técnicas impostas pela inovação. Se os estudos sobre folclore já evoluíram, ao priorizarem o encontro do imaginário popular no campo das expressões culturais minoritárias, marcadas pelo tempo gasto ou pelo espaço rural, por questões raciais, étnicas ou regionais, os caminhos das narrativas urbanas devem ser levados em consideração nos terrenos da comunicação e dos Estudos de Mídia, que têm a interdisciplinaridade em seu cerne. A máscara carnavalesca, como substantivo ou metáfora, medeia e mediatiza os medos e a insatisfação popular. Também a amizade, a diversão, a ruptura do gênero preestabelecido, do flerte. É a mídia. Ela esconde e revela o assunto político. Utilizar o imaginário das imagens, em seus movimentos representacionais, como forma para o encontro contedístico, prioritariamente pode ser conduzido pelo Diário de Mídia, em seus retratos, movimento e enquadres.

Para pesquisar um tema em que os assuntos políticos estejam nos silêncios das interações, a técnica do Diário de Mídia, utilizando as imagens e a representação das imagens, aqui foi mostrada como auxiliar no encontro do quadro relevante, do *frame*. Entendendo a centralidade da midiatização na constelação de atores, este artigo abre caminhos a começar a estabelecer o Diário de Mídia como espaço imagético do reconstruir a cena pelo i) *retratado da memória* que a funcionalidade que mimetiza a linguagem situa; como ii) *movimento* das etapas de observação da pesquisa e iii) como *enquadres* do tema da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Clarissa Martins; PRADO, Gilbertto; LOPES, Priscilla Gonçalves; GOMEZ, Luiz Salomão Robas. Poéticas na arte, no design na antropologia: uma análise de dois projetos artístico-fotográficos. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 180–200, 2017.

- BAPTISTA, Erica Anita; ROSSINI, Patrícia; DE OLIVEIRA, Vanessa Veiga; STROMER-GALLEY, Jennifer. A circulação da (des) informação política no WhatsApp e no Facebook. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 29–46, 2019.
- BARBOSA, Andrea. Fotografia, narrativa e experiência. *In: A experiência da imagem na etnografia*. [S. l.]: Editora Terceiro Nome, 2016. p. 191. *E-book*.
- BARBOSA, Andrea; DA CUNHA, Edgar Teodoro; HIKEJI, Rose Satiko Gitirana; NOVAES, Sylvia. **A experiência da imagem na etnografia**. [S. l.]: Editora Terceiro Nome, 2016. *E-book*.
- BARBOSA, Sérgio; MILAN, Stefania. Do not harm in private chat apps: Ethical issues for research on and with WhatsApp. **Westminster Papers in Communication and Culture**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2019.
- BRAGA, Joaquim. Corpo, mediação, tecnologia. Introdução ao conceito de importação somática. **Corpos, imagens e discursos híbridos**, [S. l.], 2016.
- BRAGA, Joaquim. Da convergência figurativa entre corpo e imagem. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, [S. l.], v. 41, n. 2, 2019.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. Data storytelling e a dadificação de tudo: um gênero bastardo de mãe narrativa e pai banco de dados. *In: LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; BUZATO, Marcelo El Khouri (org.). Gênero reloading*. Campinas: Pontes Editores, 2018a.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. Dadificação, visualização e leitura do mundo: quem fala por nós quando os números falam por si? **Revista Linguagem em Foco**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 83–83, 2018b.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**: uma introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CAVALCANTE, Fernando Luiz Nobre. **Vínculos de ancoragens e enquadramentos temáticos**: olhares itinerantes às interações midiáticas em grupo. 2019. 292f. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- CAVALCANTE, Fernando Luiz Nobre; HANKE, Michael Manfred. Framing Interaction Anchorage in Mediatized Groups. **Eikon**, [S. l.], v. 1, n. 7, 2020.
- CHAN-OLMSTED, Sylvia; SHAY, Ronen. The emerging mobile media market: Exploring the potential of tablets for media content consumption. **Palavra Clave**, [S. l.], v. 17, n. 4, p. 1213–1240, 2014.

CORREA, Denize. Estudos sobre Comunicação e Cibercultura no Brasil: conceitos, tendências e clusters. **Razón y Palabra**, [S. l.], v. 11, n. 53, 2006.

COSTA, Lara; CARVALHO, Maria Alice. **Abram alas para ela passar: Chiquinha Gonzaga e a agência no Rio de Janeiro do século XIX**. 2015. Doctoral Thesis - Pontificia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www.cis.puc-rio.br/assets/pdf/PDF_CIS_1463686409_1111655_2015_Lara_Denise_G%C3%B3es_da_Costa.pdf. Acesso em: 21 mar. 2020.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. [S. l.]: John Wiley & Sons, 2018. *E-book*.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A Construção mediada da realidade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2020. *E-book*.

CRISTIANO, Javier L. Habitus e imaginación. **Revista mexicana de sociología**, [S. l.], v. 73, n. 1, p. 47–72, 2011.

DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Antropologia em outras linguagens: Considerações para uma etnografia hipertextual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 31, n. 90, p. 71–85, 2016.

DE SOUZA, Maria Clara Paixão. Conceito material de "texto digital": um ensaio. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 159–187, 2009.

DEL CARMEN PRIETO-TERRONES, Paloma; SANZ-MARTIN, Blanca Elena. La ciberlengua empleada en WhatsApp. Un estudio de actitudes y creencias lingüísticas. **Investigación y Ciencia de la Universidad Autónoma de Aguascalientes**, [S. l.], n. 78, p. 74–84, 2019.

DENZIN, Norman K.; KELLER, Charles M. **Frame analysis reconsidered**. [S. l.], v. 10, n. 1, p. 9, 1981. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2067803>

EDWARDS, Elizabeth. Rastreado a fotografia. *In*: **A experiência da imagem na etnografia**. [S. l.]: Terceiro Nome. São Paulo, 2016. p. 153–190. *E-book*.

ENTLER, Ronaldo. A fotografia e as representações do tempo. **Galáxia**, [S. l.], n. 14, p. 29–46, 2007.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. [S. l.]: Martins Fontes, 2003. *E-book*.

FERRAZ, Ana Lúcia Marques Camargo. Etnografia e hipermídia: a cidade como hipertexto e as redes de relações nas ruas em Niterói/RJ. **A experiência da imagem na etnografia**, [S. l.], p. 307, 2016.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: HUCITEC, 1985.

_____. O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

GÂNDARA, Paula. A Contextual Approach to Mariza Lira's Chiquinha Gonzaga, O Abre Alas. **Mulheres e a Literatura Brasileira**, [S. l.], p. 120, [s. d.].

GIRALDO, Camilo. La dicotomía difusa contra la dicotomía tradicional oral/escrito. La escritura por WhatsApp. **Praxis & Saber**, [S. l.], v. 9, n. 20, p. 239–258, 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual**: Essays in face to face behavior. [S. l.]: AldineTransaction, 2005. *E-book*.

GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Machado. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 185–208, 2016.

HANKE, Michael. Comunicação e Lebenswelt, racionalidade e experiência estética: uma discussão interdisciplinar com autores pragmatistas a partir de considerações de Vilém Flusser. In: **ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 25, 2016, [Goiânia]. Trabalho apresentado no GT COMUNICAÇÃO E CULTURA. [Goiânia]: Compós, 2016. p. 1 - 18. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/comautoria_3304.pdf. Acesso em: 07 jan. 2020.

HEPP, Andreas. **Deep Mediatization**: Key Ideas in Media & Cultural Studies. [S. l.]: Routledge, 2019. *E-book*.

HEPP, Andreas; HASEBRINK, Uwe. Human interaction and communicative figurations: The transformation of mediatized cultures and societies. **Mediatization of communication**, [S. l.], p. 249–272, 2014.

JENSEN, Klaus Bruhn. **A Handbook of Media and Communication Research Qualitative and quantitative methodologies**. London: Routledge, 2002.

MADIANOU, Mirca. Smartphones as polymedia. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 667–680, 2014.

MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli. Cultura brasileira e televisão—uma trajetória de debates e desafios atuais. **Ilha Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 37–57, 2008.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica**. Abordajes cualitativas en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable, 2012.

PARKER, Richard G. Bodies and pleasures: On the construction of erotic meanings in contemporary Brazil. **Anthropology and Humanism Quarterly**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 58–64, 1989.

PAZ, Octavio. El laberinto de la soledad, Postdata, Vuelta a El laberinto de la Soledad. 3ª ed. México: FCE, 2004.

PRIMO, Alex Teixeira; VALIATI, Vanessa; LUPINACCI, Ludmila; BARROS, Laura. Conversações fluidas na cibercultura. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2017.

ROCHA, Ewelter. Por uma poética da cultura: a estética do sagrado em Juazeiro do Norte. **Revista do Colóquio**, [S. l.], n. 8, p. 105–122, 2015.

RODRÍGUEZ, María Graciela. Del mediocentrismo a un mirar antropológico sobre los medios. **RevCom**, [S. l.], 2019.

ROMELE, Alberto. The datafication of the worldview. **AI & Soc**, [S. l.], 2020.
Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00146-020-00989-x>

ROSENHAN, David L. **On Being Sane In Insane Places**. 179. ed. Washington, Dc: Aaas, 1973. 16 p. (Science). Disponível em: http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic625827.files/On_Being_Sane_In_Insane_Place_s-1.pdf. Acesso em: 07 jan. 2020.

ROSSINI, Patrícia; STROMER-GALLEY, Jennifer; BAPTISTA, Erica Anita; VEIGA DE OLIVEIRA, Vanessa. Dysfunctional information sharing on WhatsApp and Facebook: The role of political talk, cross-cutting exposure and social corrections. **New Media & Society**, [S. l.], p. 1461444820928059, 2020.

TERRAZA, Cristiane Herres; TRAVASSOS, Lorena. O tempo do espectador: a fruição da imagem em movimento no espaço do museu. **Galáxia (São Paulo)**, [S. l.], n. 37, p. 120–134, 2018.

TOSTA, Antonio Luciano. Resistance and citizenship in the songs of Ile Aiye and Olodum. **Afro-Hispanic Review**, [S. l.], p. 175–194, 2010.

NOTAS DE AUTORIA

Fernando Luiz Nobre Cavalcante (fernando.cavalcante@uni7.edu.br) - Pós-doutoramento no Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. Doutor em Estudos da Mídia. Professor visitante da Universidade de Bremen (2020) e pesquisador visitante no Max Kade Center da Universidade de Kansas (2018). Leciona as disciplinas de Mídia e Pesquisa em Comunicação nos cursos de Jornalismo e Publicidade de Propaganda na UNI7.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

CAVALCANTE, Fernando Luiz Nobre. Diário de Mídia: retrato, autorretrato e status. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 240-272, 2020.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Documento suplementar.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Documento suplementar.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 31/08/2020.

Aprovado em: 08/10/2020.